

Explanation and Social Theory

J. M. Holmwood & A. Stewart

Londres, Macmillan, 1991.

■ Por **Roberto Venosa**, Engenheiro, Mestre em Administração Pública pela Universidade de Pittsburgh, Doutor em Sociologia pela EHESS, Paris, professor Titular do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV e professor visitante da University of St. Andrews, Escócia.

Em 14 de novembro de 1991, encontrei pela primeira vez "Sandy" Stewart. Era um daqueles dias que anunciavam o inverno, dia claro, porém, um frio de rachar. Combinamos almoçar juntos, pois eu estava interessado em conversar com Robert Blackburn, amigo de Sandy, que leciona Sociologia em Cambridge. Na conversa, durante o almoço, Sandy e eu discutiríamos a melhor maneira de falar com "Bob".

Eu ainda não havia me encontrado pessoalmente com Sandy. Somente havíamos falado ao telefone. Logo de início, Sandy revelou-se uma pessoa fascinante, simples, inteligente, humilde e, acima de tudo, leva a vida que eu gostaria de levar. Sandy foi *Senior Lecturer* em Cambridge tendo trabalhado e publicado com Runciman, Giddens, Blackburn entre outros. Mais tarde, assumiu a cátedra de Sociologia na Universidade de Edinburgo, chateou-se com a mesquinha universitária (o que na Escócia é pleonasma), abandonou a cátedra e, hoje, tem a "Marckinsh Wine Gallery", mora em Anstruther, pequena vila de pescadores, e ensina Sociologia na Universidade de St. Andrews. Ou seja, Sandy especializou-se em vinhos e em Sociologia.

Demorei-me na introdução pois, muitas vezes, a gente se anima com as pessoas e perde o senso crítico. Como veremos, não perder o senso crítico é um aspecto importante na leitura do livro de Sandy e Holmwood.

Sandy estava desapontado com a Sociologia. Para ele, critica-se o positivismo sem romper com ele; louva-se a ação racional e torna-se prisioneiro dela. Por estas e outras razões, Sandy e Holmwood resolveram publicar *Explanation and Social Theory*.

O livro encontra-se dividido em nove capítulos e uma conclusão. Os capítulos principais, no entanto, vão do 4º ao 9º. As críticas ao positivismo (capítulo 2) e ao relativismo (capítulo 3), embora úteis, não se distanciam do que já se conhece. Quando Sandy e Holmwood discutem as falácias horizontais e verticais, realmente, entram no assunto. A falácia vertical é melhor

exemplificada pelo reducionismo marxista e pelas inúmeras tentativas de manter-se a análise das estruturas sociais presa ao modo de produção. A falácia horizontal é mais interessante, mesmo porque mais atual. Para os autores, quando os neoweberianos criticam os marxistas (falácia vertical) eles, sem perceber, caem na falácia horizontal.

Para exemplificar o que estão pretendendo dizer, os autores apóiam-se na análise de David Lockwood sobre as diferenças de *status* entre os *clerks* no Reino Unido. Os autores demonstram que Lockwood, quando não dá conta das especificidades e das diferenças internas, comete a falácia horizontal. Tentemos, através de outro exemplo, clarear um pouco mais. Suponhamos que estejamos preocupados com a seguinte questão: quais as possibilidades de um discurso profissional?

Em um primeiro nível de análise, os marxistas responderiam que o discurso profissional deve ser visto como um instrumento de dominação das classes baixas (Braverman, 1974). Os neoweberianos, ao criticarem os marxistas, neomarxistas, protomarxistas e os marxistas encarcerados ou fundamentalistas, procuram buscar a especificidade dos grupos intermediários e as formas de discurso que esses grupos estrategicamente utilizam. Entre esses discursos, encontramos os discursos profissionais. Para os neoweberianos, a razão dos *experts* é, ao mesmo tempo, a esperteza da razão (Hollis, 1982). Assim, Villette, ao examinar a reprodução das classes dominantes, percebe que as classes altas mantêm seu poder, pela transformação de capital social em competência rara, ou seja, freqüentando as melhores escolas e dispondo de uma melhor dotação de capital social, os herdeiros possuem, ao mesmo tempo e como corolário, maiores chances de acesso às posições dominantes e ao conhecimento inovador marginalmente escassos. Mas será que a tese de Villette é suficiente? Qual a razão de o discurso profissional ter mais espaço na sociedade americana que na sociedade britânica ou na francesa? Para Sandy e Holmwood, esta é a falácia horizontal. Segundo os autores, na crítica aos marxistas, os neoweberianos sucumbem à falácia horizontal ou, como Saturno, tornam-se vítimas de sua própria criação. Em breve, a afirmação de Villette, embora verdadeira, não responde à questão: quais as possibilidades de um discurso profissional?

Para os autores, seria necessário proceder-se a outro recorte; por exemplo, examinar-se a taxa de expansão das elites e, simultaneamente, examinar-se as tendências à proliferação ou enxugamento das posições de

mando. Na confluência dessas duas séries seria possível observarem-se as condições e possibilidades de discursos profissionais específicos. Acima de tudo, o que Sandy e Holmwood estão propondo é uma postura perante a vida. O desencantamento weberiano deve ser o instrumento fundamental do cientista ao olhar a sociedade, a sua própria obra e, talvez, a si mesmo.

Retomando a introdução desta resenha, Sandy continua sendo uma pessoa cativante, porém, ao propor uma crítica ao "estabelecimento" sociológico, os autores sucumbem às duas falácias pois não vão além da crítica.

A teoria da ação que emerge na leitura do livro revela-se no fazer sociológico que, ao descobrir, também transforma o mundo. Ao longo de capítulos onde são aprofundadas as contradições entre racionalidade e ação, ação e estrutura, poder e ordem normativa, estrutura e função, falsa consciência e alienação ontológica, os autores descobrem a perpetuação de falácias horizontais e verticais na obra de diversos cientistas sociais (Parsons, Giddens, Habermas), porém, não vão além da crítica, como eles próprios reconhece:

"Não temos metodologia para oferecer, nem rotinas para criativamente resolver problemas. A solução de problemas origina novos dados e novas relações. Metodologias são resultados de práticas atuais e estão baseadas em esquemas que precisam ser transformados

ao mesmo tempo que os problemas são solucionados. Precisamos de novos 'olhares' sociológicos e não de novas regras metodológicas. Tudo que podemos fazer é orientar os cientistas sociais para problemas que requerem a energia criativa deles..."

Em resumo, se Mozart ficasse somente criticando Salieri, possivelmente teríamos a mais lúcida e extensa crítica de Salieri, mas não teríamos Don Giovanni nem a Missa da Coroação.

O livro de Sandy e Holmwood é de difícil leitura, porém, é um manual necessário para o aprendizado do trabalho intelectual ao se caminhar ao encontro da saborosa descoberta da indeterminação da natureza e/ou da vida social, e não de encontro ao misterioso rigor do conhecimento competente sobre a natureza e/ou sobre as relações sociais.

BIBLIOGRAFIA

BRAVERMAN, H. *Labour and Monopoly Capitalism*. New York, Monthly Review Press, 1974.

HOLLIS, M. "The Social Destruction of Reality". In: HOLLIS, M. & LUKES, S. (orgs.) *Rationality and Relativism*, Oxford, Basil Blackwell, 1982.

Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios

Lícia Valladares e Edmond Preteceille

São Paulo, NOBEL/IUPERJ, 1990, 227 páginas.

■ Por **Leonor M. Câmara**, Socióloga, Mestre em Administração Pública e Planejamento, doutoranda em Administração na EAESP/FGV, pesquisadora do CEDEC (Centro de Estudos e Cultura Contemporânea), professora da FEA/PUC/SP.

Atualmente vivenciamos uma crise do processo de acumulação capitalista, haja vista a recessão nos Estados Unidos da América e o tatcherismo na Inglaterra, para citar apenas alguns exemplos. Simultaneamente, vivenciamos um processo de grandes

transformações urbanas que vêm ocorrendo em escala mundial, incluindo aí o redimensionamento do papel do urbano e da região na economia. O desenvolvimento da tecnologia e as telecomunicações são indicadores desse processo e resultam na abertura das cidades aos mercados internacionais. A cidade e a região não estão mais limitadas pelo espaço físico. Como resultado, podemos observar o surgimento de problemas urbanos em cidades localizadas em países desenvolvidos que até há pouco pensávamos serem específicos de cidades de países do Terceiro Mundo, como os problemas da habitação e degradação urbana, por exemplo. A partir dessas constatações, os coordenadores da presente obra, Edmond Preteceille e Lícia Valladares, colocam as seguintes indagações: Pode-se atribuir as transformações